

TEMPLOS EVANGÉLICOS BRASILEIROS E A QUESTÃO DA QUALIDADE ESTÉTICA NA ESPIRITUALIZAÇÃO DO CULTO CONTEMPORÂNEO

BRAZILIAN EVANGELICAL TEMPLES AND THE QUESTION OF AESTHETIC QUALITY IN THE SPIRITUALIZATION OF CONTEMPORARY WORSHIP

Alessandro Ferreira Rodrigues de Souza¹

Resumo

A religião evangélica brasileira de hoje exibe uma grande variedade nos estilos estéticos internos e externos de seus templos. Frequentemente, a ausência de qualidade estética interna nesses espaços levanta questionamentos sobre a espiritualização dos fiéis. Muitos templos carecem de uma beleza que poderia promover conforto, prazer e bem-estar através da percepção visual. Para analisar a qualidade estética dos templos religiosos evangélicos contemporâneos e sua relação com a espiritualização, o texto se baseia em uma revisão bibliográfica focada nesse tema. Nosso objetivo final é entender como os espaços de culto podem se tornar agradáveis, belos e esteticamente bem resolvidos, favorecendo a espiritualização coletiva e individual.

Palavras – chave: evangélicos, estética, templos, cultos, espiritualização.

Abstract

Today's Brazilian evangelical religion displays a wide variety of aesthetic styles, both internal and external, in its temples. The lack of internal aesthetic quality in these spaces often raises questions about the spiritualization of the faithful. Many temples lack the beauty that could promote comfort, pleasure, and well-being through visual perception. To analyze the aesthetic quality of contemporary evangelical religious temples and their relationship with spiritualization, this text is based on a literature review focused on this topic. Our ultimate goal is to understand how worship spaces can become pleasant, beautiful, and aesthetically well-designed, fostering collective and individual spiritualization.

Keywords: evangelicals, aesthetics, temples, worship, spiritualization.

¹Diretor Executivo (CEO) do SAAS – Studio Arquiteto Alessandro Souza®. Pesquisador - Professor do SAAS. Doutorando. Mestre em Gestão do Trabalho para Qualidade do Ambiente Construído. Especialista em História da Arte Sacra. Graduado em Arquitetura e Urbanismo. Graduando em Engenharia Civil. Contatos: phone +55 (22) 99971 5526; WhatsApp (22) 99971 5526; e-mail: arquitetoalessandrosouza@gmail.com

INTRODUÇÃO

No cenário religioso brasileiro, os evangélicos contemporâneos têm se mostrado heterogêneo quanto aos formatos da liturgia de seus cultos, e também aos formatos estéticos internos de seus templos religiosos. A falta de qualidade estética interna nos espaços designados para o culto evangélico é um fator que levanta hipóteses questionadoras sobre a espiritualização nos âmbitos da coletividade e individualidade dos fiéis. Segundo Hani (1998), uma igreja não é simplesmente um monumento ou construção, é um santuário, é um templo divino. A sua função não é apenas reunir os fiéis, mas propiciar um ambiente que permita à Graça a sua melhor manifestação na medida que consegue influenciar sensações, sentimentos e ideias através da combinação harmoniosa de mil símbolos presente dentro do templo, que se fundem em um único sentido, local sagrado da revelação divina (HANI, 1998). Zevi (1996) afirma que um fiel dentro de uma igreja é um espectador que vibra em simpatia simbólica com as formas, podendo ter experiências no corpo e estado de espírito (ZEVI, 1996). Menezes (1962) prega que fiéis podem ser conduzidos por um caminho de privação em relação ao culto, ter seus estados de espírito alterados e não participarem da liturgia se o ambiente religioso estiver desprovido de beleza e conforto (MENEZES, 1962).

A problematização da espiritualização dentro dos cultos evangélicos da atualidade, no Brasil, no que tange os aspectos da estética dos interiores dos templos têm ganhado vulto dentro do campo teológico, arquitetônico e religioso. A grande maioria desses templos apresentam péssimas condições visuais, o que leva o assunto em voga ser debatido amplamente por pesquisadores, arquitetos, pastores, líderes religiosos e estudiosos no assunto dentro dos meios acadêmicos e profissionais. Souza (2019) constrói uma crítica relacionada aos arquitetos desprovidos de conhecimentos específicos de arte sacra e elementos visuais quando projetam edifícios religiosos, por não serem proventos no assunto desenvolvem projetos arquitetônicos esteticamente precários (SOUZA, 2019). Menezes (1962) evidencia que muitas igrejas são construídas sem a devida importância estética através da contratação de arquitetos não especialistas no assunto (MENEZES, 1962). Hani (1998) acusa que a estética na arquitetura religiosa gradativamente perdeu sua importância a partir do século XVI, resultando no século XXI o surgimento de igrejas desqualificadas quanto ao caráter da beleza fundante a espiritualização (HANI, 1998).

Serão abordados seis temas; contextualizando a questão da estética visual nos espaços de cultos evangélicos; objetivando alcançar a compreensão correlacionada entre

eles: (1) o protestantismo e os evangélicos, (2) trânsito religioso e o crescimento evangélico no Brasil; (3) o templo evangélico contemporâneo e suas novas configurações; (4) a arquitetura como elemento provocativo e seus reflexos nas pessoas; (5) a estética religiosa, o arquiteto, o artista e a espiritualização, e (6) a estética como princípio que favorece a espiritualização.

Sem o emprego de linguagem demasiadamente erudita, o leitor será conduzido a reflexão analítica da importância da estética como possível elemento propiciador da espiritualização. Os evangélicos rejeitaram o uso de imagens e elementos visuais do cristianismo católico desde o início do período reformista, situação que atravessou gerações de protestantes, causando esterilidade artística e pureza formalista de elementos visuais religiosos dentro dos ambientes de cultos evangélicos. Em função da negação aos elementos visuais e imagens religiosas, os templos dos cristãos de raiz protestante jamais utilizaram esses elementos como propiciadores à espiritualização. O texto traz uma proposta objetiva, onde possíveis redescobertas e empregos das artes visuais, com devidos arranjos de elementos estéticos, podem propiciar espiritualização. Dentro desse objetivo, o texto é uma tentativa de levantar a compreensão que o templo religioso e os espaços de cultos devem ser agradáveis esteticamente e bem resolvidos visualmente, propiciando à espiritualização coletiva e individual dos féis evangélicos contemporâneos.

O PROTESTANTISMO E OS EVANGÉLICOS

O protestantismo como corrente religiosa é uma vertente do cristianismo que tem origem no século XVI, em solo europeu, a partir da reforma promovida por um dos mais expressivos reformadores, Martinho Lutero. No entanto a terminologia protestante; fazendo menção aos indivíduos adeptos ao novo movimento religioso da época, ou aos novos convertidos do recente modelo de cristianismo, agora reconhecido como reformado e que se opunha à autoridade papal, sediada em Roma; somente ganhou utilização como substantivo no século XVII (RABUSKE, 2012 apud MENDOÇA; VELASQUES, 1990).

Os reformadores eram homens que estavam na liderança da reforma protestante, promovendo esta nova onda de transformação religiosa, e os reformados eram homens e mulheres reconhecidamente liderados convertidos à reforma protestante. Assim, reformadores e reformados faziam parte de um mesmo grupo religioso, e todos eram reconhecidos socialmente como reformados ou protestantes. Curiosamente, os reformados ou protestantes do século XVI evocaram para si a nomenclatura evangélica e desta forma se

autodeclaram possuidores desse título. Atualmente, as igrejas e pessoas que se identificam com a raiz protestante também preferem se autodenominar e ou serem reconhecidas como o mesmo título, evangélicas ou evangélicos. (RABUSKE 2012 apud MENDOÇA; VELASQUES, 1990).

Segundo os dados do IBGE (2010) sobre a análise da fenomenologia social religiosa no Brasil, podemos encontrar três principais categorias de igrejas protestantes ou evangélicas. As três principais categorias evangélicas no Brasil, são: primeira - igrejas de missão, históricas ou tradicionais; segunda - igrejas pentecostais; e terceira – neopentecostais (IBGE, 2010). Conforme aponta Mariano (2013) as igrejas evangélicas de missão, históricas ou tradicionais são representadas principalmente pelas igrejas Luterana, Presbiteriana, Anglicana, Batista e Metodista. As igrejas pentecostais têm como principais representantes as igrejas Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e Igreja Pentecostal Deus é amor. As igrejas neopentecostais são representadas principalmente pela Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, Sara Nossa Terra e Renascer em Cristo (MARIANO, 2013). Calvani (2014) ressalta que muitas mudanças ocorreram no campo religioso brasileiro, mais evidente a partir da década de 1970, quando ocorreu o surgimento de novas igrejas, e a partir desta época a classificação ficou um tanto confusa. Nomeações de neopentecostais, pós-pentecostais, carismáticas ou avivadas surgiram e causaram alguma disparidade na forma como classificar estas igrejas (CALVANI, 2014). No entanto, mesmo com o surgimento de novas igrejas na segunda metade do século XX, Mariano (2013) reafirma de forma esclarecedora que a classificação das três principais correntes ou ondas religiosas evangélicas no Brasil; igrejas de missão, históricas ou tradicionais, igrejas pentecostais e neopentecostais; estão consolidadas no meio religioso e acadêmico (MARIANO, 2013).

TRÂNSITO RELIGIOSO E O CRESCIMENTO EVANGÉLICO NO BRASIL

Sem dúvida, na comparação entre evangélicos e católicos, o cristianismo brasileiro ainda é em grande escala representado pelos católicos, no entanto é notório o crescimento gradativo dos evangélicos no Brasil. Os evangélicos brasileiros têm conseguindo profunda permeabilidade nos campos artísticos, culturais e políticos, ganhando cada vez mais força e vasto campo de atuação, evidenciando assim com muita clareza a crescente adesão de novos adeptos as igrejas evangélicas (SUDA, 2014).

Na passagem para o século XXI, intensificou-se a formação e consolidação de um campo religioso pluralista no Brasil. Estas tendências já haviam sido notadas ao longo do século passado. O catolicismo decrescia ligeiramente, na medida em que o número de protestantes crescia, lentamente, mas de forma contínua, através de missões estrangeiras e outros grupos religiosos. Conclui-se que o cristianismo no Brasil ainda é, em sua grande parte, representado por católicos, mas, o protestantismo tem crescido gradativamente, ganhando forças e um vasto campo de atuação. (SUDA, 2014, p. 5 – 6).

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012) acusaram o crescimento expressivo no percentual de pessoas que se declararam evangélicas. O Brasil, durante os anos de 2000 até 2010 passou por um fenômeno de trânsito religioso, que, segundo os especialistas, é a transferência de adeptos de uma religião para outra. Os dois últimos censos realizados demonstraram 74% de adesão ao catolicismo nos anos 2000, em 2010 o percentual caiu para 65%. Em relação a adesão evangélica, o levantamento apontou 15,50% em 2000, crescendo para 22,40% em 2010. Segundo os dados do Censo Demográfico publicados pelo IBGE em 2012, o número de fiéis evangélicos brasileiros cresceu 61,45% em 10 anos (SUDA, 2014).

A partir dos apontamentos de Mariano (2013), a primeira década do século XXI foi marcado pelo declínio de 125,5 para 123,3 milhões de católicos, totalizando a baixa de 2,2 milhões de indivíduos católicos. A Renovação Carismática empreendida pela Igreja Católica e apoiada por investimentos na criação de redes de TV, acompanhadas pela realização de evangelização eletrônica e megaeventos liderados por influentes padres midiáticos e pelo expressivo grupo Canção Nova, se mostraram ineficazes contra a evasão de fiéis, principalmente os não praticantes, comumente distantes e alheios à autoridade dos clérigos. Consequentemente não conseguiu conter o crescimento pentecostal, principal destino de seus ex-fiéis (MARIANO, 2013).

Conforme sugere Mariano (2013), o crescimento dos demais agrupamentos religiosos reconhecidamente minoritários; outras religiões sem raiz cristã, espíritas, umbandistas e candomblecistas; teve pouca relevância para a diminuição do catolicismo e para o crescimento dos evangélicos. A perda da monopolização e tradição das religiões estão associadas a três fatores: a multiplicação das variadas formas religiosas sem raiz no cristianismo; a competição comercial dentro e pelo mercado religioso; e o aumento pela opção particular por desfiliar-se ou abandonar a religião (MARIANO, 2013).

Conclui-se que a primeira década do século XXI foi marcada por intensa movimentação religiosa que permearam grupos majoritários e minoritários. Nas últimas duas décadas todos os grupos religiosos minoritários continuaram na mesma situação de pequenez

e com pouca representatividade em seus percentis, enquanto que, por outro lado, os católicos passaram a experimentar declínio numérico, e os evangélicos apresentaram ascensão percentual dentro do cenário religioso brasileiro (MARIANO, 2013).

O TEMPLO EVANGÉLICO CONTEMPORÂNEO E SUAS NOVAS CONFIGURAÇÕES

A medida que o número de evangélicos cresce, juntamente com esse crescimento surgem problemas oriundos das deficiências sociais atuais. As igrejas evangélicas, como grupo religioso se deparam com a urgência em suprir tais deficiências, e começam a desenvolver atividades de interesses sociais, socioeducativas e ações comunitárias. Com esta evolução para o campo social, aparece inevitavelmente a demanda por produção de espaços multifuncionais, que permitam realizar dinâmicas e reuniões seculares, bem como também cultos religiosos. Consequentemente muitos problemas de caráter construtivo, da edificação e instalações prediais são comuns, facilmente perceptíveis e largamente recorrentes (SUDA, 2014).

Apesar de assimilar algumas características na organização de suas estruturas, tendo um funcionamento análogo ao das igrejas nos Estados Unidos, na maioria das vezes, as instituições brasileiras improvisam espaços para acomodar o crescente contingente de pessoas. A necessidade de ampliação do espaço de tempos em tempos, dificulta os investimentos a longo prazo, cuja consequência é o surgimento de edificações religiosas totalmente inadequadas à realização de inúmeras atividades propostas ou adequados apenas a parte delas. (SUDA, 2014, p. 17)

O protestantismo não gerou um estilo arquitetônico próprio, seus templos se assemelham com anfiteatros e auditórios. A arquitetura protestante é deliberadamente não eclesiástica, sem altar, sem tabernáculo e sem presbitério. A maioria das igrejas protestantes atuais não adotaram elementos simbólicos tradicionais do cristianismo, com isso a arquitetura religiosa ficou desprovida de sentidos ou representações cristãs em suas estruturas. O pluralismo das formas passou ser comum, permitindo flexibilizações e experimentações nos projetos de arquitetura e métodos construtivos. Preocupações básicas de importâncias arquitetônicas começaram ser desprezadas, facilmente identificáveis em função da ausência da utilização de materiais que promovam a qualidade para o ambiente construído. Precarizações principalmente em relação ao conforto térmico, acústico e lumínico passaram a existir. Começaram também ser ignoradas as condições de ergonomia, acessibilidade, sustentabilidade, estética predial e das próprias adequações das funções da igreja ao edifício onde se encontram instaladas (SUDA, 2014).

Somente nesta última década, as igrejas evangélicas brasileiras começaram a demonstrar um novo panorama a respeito de melhorias atribuídas às suas edificações religiosas. Inspiradas por modelos internacionais, principalmente os estadunidenses, grandes templos muito parecidos com as mega -igrejas começaram surgir no cenário arquitetônico nacional. As instituições evangélicas atentaram para a excelência em seus cultos, adotaram tecnologias abarcadas em seus recintos e começaram a oferecer à sociedade cultos atraentes e auditórios confortáveis (SUDA, 2014). “Os novos templos construídos por comunidades ligadas ao protestantismo tradicional já preveem espaços para bandas ou grupos musicais, suporte para telões e a centralidade do palco que emerge como novo centro visual da experiência litúrgica”. (CALVANI, 2014, p. 19)

Arthur Rodrigues (2019), repórter da Folha de S. Paulo, em 5 de setembro de 2019 escreveu uma matéria para a série de reportagens “Concreto sem fim”, sobre o aparecimento de templos religiosos na capital paulista. Segundo Rodrigues (2019), nos últimos 25 anos, São Paulo ganhou 2.433 novas igrejas com a expansão evangélica. No entanto, nem todas as igrejas recebem os mesmos cuidados sobre a qualidade de suas instalações, contudo, o perceptível aumento de igrejas despertou a atenção da liderança religiosa sobre os aspectos estéticos e da acústica arquitetônica. (RODRIGUES, 2019).

A expansão evangélica trouxe também preocupação com a qualidade dos locais de culto. O arquiteto Alessandro Souza se especializou no ramo, com um portfólio que reúne templos em vários estados. De acordo com ele, embora sem o esmero estético da Igreja Católica, os evangélicos têm buscado investir sobretudo na acústica, que costumava ter problemas. “Antes, fazia qualquer coisa, punha uns bancos e já era uma igreja. Agora há um amadurecimento das construções.” (RODRIGUES, 2019, p.31)

Conforme Calvani (2014), as novas concepções de espaços destinados às atividades litúrgicas, são projetadas, construídas e configuradas como salões de espetáculos e casas de show. Novos templos edificadas por grupos sociais protestantes mais tradicionalistas passaram a considerar as previsões de espaços para bandas musicais, suportes para telões e centralidade do palco como um novo ponto focal do culto. Algumas instituições evangélicas começaram a priorizar o aspecto do espetáculo e destinar investimentos financeiros volumosos em recursos de iluminação cênica e sonorização, o que continuamente tem provocado insistentes acusações sobre a aparência similar das igrejas atuais como auditórios para atividades seculares, ao invés de religiosas (CALVANI, 2014).

Analisando os espaços construídos e as ritualísticas religiosas desempenhadas dentro desses ambientes, Calvani (2014) afirma que muitas comunidades cristãs evangélicas no

Brasil foram fortemente influenciadas pelo movimento pentecostal e cultura midiática, com isso essas comunidades passaram a vivenciar maior parte de seus cultos com música e gestos corporais. Movimentar as mãos, fechar os olhos, contorcer a face durante as orações, pular e dançar são dinâmicas aceitáveis dentro do seio religioso tradicional, situação que era inaceitável em recentes épocas passadas por igrejas tradicionalistas (CALVINI, 2014). Rojas (2011) confirma essa condição quando afirma que os pentecostais celebram seus cultos cantando, dançando, saltando, falando em línguas estranhas, chorando, rindo e abraçando, à imagem do que faziam os cristãos nos primórdios do cristianismo (ROJAS, 2011).

Observando a fenomenologia das religiões dentro do cenário brasileiro, em específico a realidade dos templos evangélicos, é possível identificar que muitas instituições religiosas se instalaram em espaços desprovidos de boas condições às suas funções. A falta de qualidade e identidade de seus espaços podem ser justificados pelo contínuo crescimento de sua população, forçando constantes adaptações ao invés de realizarem reformas, ampliações e construções planejadas. No entanto, nos últimos dez anos, algumas igrejas evangélicas brasileiras, atentas aos requisitos de excelência em seus cultos, começaram a se preocupar em construir auditórios mais confortáveis e acomodar o grande público de forma mais adequada (SUDA, 2014).

A ARQUITETURA COMO ELEMENTO PROVOCATIVO E SEUS REFLEXOS NAS PESSOAS

A sensibilidade à arquitetura traz consigo aspectos problemáticos. Se um ambiente arquitetônico tem o poder de alterar o que as pessoas sentem, se a felicidade se torna dependente das cores das paredes ou do formato das portas, é impossível imaginar o que pode acontecer com as pessoas quando são forçadas a olhar e habitar lugares obrigatórios ou necessários. Por exemplo, muitos sentimentos podem ocorrer nas pessoas quando estão em casas com janelas semelhantes às de um presídio, tapetes manchados e cortinas plásticas (DE BOTTON, 1969).

Mensagens morais podem ser trazidas pela arquitetura, no entanto a arquitetura não tem o poder de impô-las. Existe uma sugestão de imposições, em vez de imposições de leis. Os espaços arquitetonicamente arranjados são convidativos; e não imperativos; ao acompanhamento de suas sugestões mostradas através de seus exemplos. No entanto esses mesmos espaços não são capazes de evitar discordâncias contra si mesmos à medida que pessoas podem ignorar suas mensagens morais ou sugestões de imposições (DE BOTTON, 1969).

Alain De Botton (1969) quando escreve o livro *Arquitetura da Felicidade*, relata que o teólogo alemão Paul Tillich confessou que não era dotado de sensibilidade para a arte quando ainda era jovem e livre de preocupações particulares. Mas durante a Primeira Guerra Mundial, sendo combatente, durante um período de licença teve livramento de morte enquanto três quartos do seu contingente foi exterminado em batalha. Essa licença temporária que o retirou de combate ao lado de seus companheiros de guerra, permitiu que ele estivesse em Berlim, quando fugindo de uma chuva procurou abrigo no museu, subindo para uma pequena galeria superior se deparou com o quadro *Madonna e criança com oito anjos cantores* do artista Sandro Botticelli, surpreendeu-se, e aquela pintura provocou nele um sentimento que o levou a chorar copiosamente de forma descontrolada. Ele descreveu que essa experiência foi como um momento de “êxtase revelador”, onde o mesmo foi confrontado intimamente por sentimentos contrastantes entre a excepcional ternura do quadro e as sangrentas lições que havia aprendido nas trincheiras (DE BOTTON, 1969).

Aceitar a veracidade da arquitetura e seus intrínsecos aspectos visuais, impõe obrigatoriamente algumas exigências particulares, singulares e exaustivas. Considerar arranjos visuais arquitetônicos requer abertura pela ideia que ambientes construídos onde as pessoas desenvolvem suas atividades podem afetá-las, independentemente quando são feitos de materiais inferiores ou muito custosos. Significa que o ser humano é inconvenientemente vulnerável às cores das paredes e outros elementos, e que inclusive cores, objetos e espaços, dependendo da forma como são arranjados, podem alterar o bom senso das pessoas. A arquitetura, mesmo em sua forma mais tradicional e consumada, será continuamente um pequeno e imperfeito protesto contra o estado emocional das pessoas (DE BOTTON, 1969).

É possível concluir essa reflexão através do pensamento de Bruno Zevi (1996) quando escreve a obra *Saber Ver a Arquitetura*, o autor manifesta que os edifícios se caracterizam pela pluralidade de elementos e seus valores. Os aspectos econômicos, sociais, técnicos, funcionais, artísticos, decorativos e espaciais, apesar de serem substantivos da arquitetura não são suficientes para defini-la (ZEVI, 1996). Segundo o ponto de vista de Zevi (1996), a definição mais precisa da arquitetura é a edificação que tem espaço interior que atraia, eleve e subjugue espiritualmente as pessoas, Zevi (1996) continua escrevendo em seu livro que a arquitetura feia é aquela que tem espaço interior que aborrece e repele (ZEVI, 1996).

A ESTÉTICA RELIGIOSA, O ARQUITETO, O ARTISTA E A ESPIRITUALIZAÇÃO

Falando de estética como disciplina da filosofia, generalizando, as pessoas se limitam apenas ao pensamento concreto da reflexão sobre a natureza do belo, as origens dos

fundamentos da arte e as justificativas dos processos adotados pela beleza para fazer presença no mundo. A estética é uma aparição, ou fenômeno que se deixa ser apreendido pelos humanos através de suas vivências, e somente através dessas vivências são possibilitadas as oportunidades de percepção da estética, que normalmente tem o poder de prover ressignificação à experiência humana (DIAS, 2016).

É exatamente na experiência humana da percepção da estética que consiste na ressignificação. Isto ocorre porque é um evento que provoca no indivíduo o entendimento da intensificação dessa relação. Quando ocorre esse evento, a linguagem da estética e a espiritualidade encontram pontos de intersecção, sobremaneira quando analisadas a partir dos efeitos que começam a acontecer, ou seja, das experiências que as pessoas começam a viver (DIAS, 2016).

Nunca será descabido correlacionar a estética com a espiritualização, pois uma relação entre as duas permite a experiência mística (DIAS, 2016). De Botton (1969) diz que os seres humanos têm facilidades que capacitam ligações das condições psicológicas com o mundo externo, visual e sensorial. O mundo interno psicológico se comunica por associações com o mundo externo dos elementos visuais. As pessoas fazem julgamentos com base no que esses elementos visuais simbolizam, e não naquilo que eles são materialmente. A transubstanciação da matéria meramente de seu estado original para a uma atribuição excelsa ocorre através da associação psicológica relacionada com a emoção, que ressignifica o objeto simplesmente material para algo sublime, ou espiritual, recebendo um novo sentido mais elevado que a matéria. A estética, o belo e seus elementos visuais estão indissociavelmente atrelados na materialidade do edifício, do espaço e do ambiente, no entanto a estética pode ser potencialmente provocativa e sugerir que o indivíduo entre num estado de espiritualização (DE BOTTON, 1969). Consoladoras e solidárias, estética e espiritualidade emergem de um mesmo anseio por transcendência e ressignificação das coisas, dos meios, e da realidade. Segundo a perspectiva de Dias (2016), a experiência estética é indubitavelmente um dos caminhos onde é permitido adentrar pelos mistérios do mundo, do homem e das atmosferas divinas (DIAS, 2016).

Claudio Pastro (2010), em sua obra *A Arte no Cristianismo*, versa que dentro de um espaço sagrado, em virtude de abrigar funções religiosas-espirituais, muitas vezes constituídos de materiais sem importância, manifesta-se o mistério invisível da epifania. A estética revela a arte e a arquitetura, e essas duas revelam uma presença divina que a distração ou descaso humano podem se desaperceber ou esquecer. Diante da arquitetura, da arte e dos elementos visuais da estética, as pessoas assumem outras posturas, demonstram introspecção ou reverência, admiração e contemplação. As pessoas diante de

tal experiência mística, deixam de analisar os elementos da estética, ou tenta-los interpretar, e começar a perceber e receber a mensagem iminentemente divina (PASTRO, 2010).

Sem querer construir uma afirmação generalizável sobre a relação entre estética e espiritualização, e sobre as consequências dessa espiritualização nas pessoas, ambas estão longes de serem afirmação inquestionavelmente verdadeiras, existem muitas dimensões subjetivas, haja vista que agnósticos e ateus têm interpretações divergentes sobre a estética, o belo, os elementos visuais e seus significados. O homem não é um ser invariável, segundo Vaz (1992) o homem pelas suas próprias condições naturais, é dado a si mesmo pela complexidade de suas estruturas somáticas, psíquicas e espirituais, do seu estar-no-mundo e do seu estar-com-o-outro e da sua abertura pessoal para a transcendência (VAZ, 1992). Conforme De Botton (1969) afirma, memórias, interpretações e emoções diferentes ocorrem em indivíduos também diferentes, em função da experiência individual de cada um mediante o que o cenário construído ou visual remete à pessoa. Dessa forma seria uma grande incoerência afirmar que todas as pessoas são invariavelmente vulneráveis e passivas de serem afetadas pelas condições de suas interpretações psicológicas e emocionais quando estão diante da estética e seus elementos visuais (DE BOTTON, 1969).

No entanto, continuando a análise sobre a relação da estética com a espiritualização e suas possíveis consequências, a partir do ponto de vista de Pastro (2010) sobre a influência da estética sobre o comportamento humano, é relevante sua consideração sobre a importância dos profissionais responsáveis pela arquitetura, arte e elementos visuais que compõem espaços designados ao culto, à espiritualização e meditação. Pastro (2010) afirma que a boa arte pode educar o espírito, tem poder para amansar ânimos e elevar comunidades e grupos de pessoas. Exemplificando, escreve que alunos ao passarem por belos corredores, plenos com arcos perfeitos no Colégio das Teresianas em Barcelona, obra do arquiteto Gaudi, mudam seus comportamentos. Pastro (2010) é defensor da teoria que arquitetos e artistas quando são encarregados da encomenda de projetar, construir e ornar templos religiosos estão imbuídos de uma tarefa espiritual, não sendo permitidos agirem ao seu bel-prazer. Obviamente Pastro (2010) está expressando sua opinião relacionada com a questão estética, espiritualização, encomenda feito pelo cliente e a missão espiritual do profissional contratado. Segundo Pastro (2010), o arquiteto e o artista, em todas as religiões têm funções de destaque e fazem parte do mistério espiritual e religioso (PASTRO, 2010). É importante esclarecer que esta é a posição do autor, no entanto a semiótica explica de forma bem diferente esse fenômeno.

Sem dúvidas a invenção de sistema de signos é uma das mais importantes produções humanas em função do papel que desempenha na constituição, evolução social e cultural da

humanidade. Pela invenção de sistemas de signos o homem pode nomear e atribuir sentido as coisas e suas experiências, compartilhar com outros e desenvolver consciência das realidades sociais, culturais e de si próprio (PINO, 1995). A partir dessa perspectiva, Souza (2019) traz a compreensão que o papel do arquiteto responsável pelo projeto de espaços para ambientes religiosos, seja para uma construção nova, reforma, ampliação ou apenas novo arranjo visual interno, consiste em atribuição além da função espiritual ou religiosa conforme afirma Pastro (2010). A interpretação de Souza (2019) sobre essa dinâmica é muito mais social, por que o arquiteto quando encarregado de tal missão, deve assumir um papel agregador, apaziguador e norteador, sendo um facilitador que harmoniza as intenções de um grupo de pessoas com anseios, vontades e comportamentos impositivos das suas intenções das formas, estilos, imagens, elementos visuais e simbólicos da sua religião. Juntamente dentro dessa dinâmica existe também a presença e atuação do líder, ou líderes religiosos, que geralmente lideram os grupos religiosos de pessoas que comungam da mesma confissão de fé. Então aqui encontramos uma trilogia, o arquiteto, o grupo social de pessoas e a liderança desse grupo. O arquiteto encontra-se no meio, como harmonizador, facilitador, unindo liderança e liderados em prol de um objetivo comum. Sendo douto em arquitetura e elementos visuais simbólicos religiosos, deve ser capaz de projetar, construir, reformar, ampliar e ou compor arranjos que sejam adequados à espiritualização do grupo de pessoas, instituição ou religião no qual esteja trabalhando (SOUZA, 2019).

Ivo Porto de Menezes (1962) quando escreve a obra *Arquitetura Sagrada*, faz uma séria exortação relacionada aos projetos e construções de igrejas. Muitos empreendimentos imobiliários de caráter comercial, como teatros, cinemas e auditórios contratam em especial profissionais experts em acústica, ao contrário de muitas outras construções religiosas na qual seus responsáveis desconsideram a importância em consultar arquitetos provetos em templos e igrejas. Menezes (1962) chama a atenção para a importância da qualidade técnica e arquitetônica do projeto, pois dele dependerá todo o edifício. Muito além da beleza e todo arranjo estético, mas sobremaneira pelas condições de comodidade e conforto do ambiente construído que podem oferecer. Muito relevante sua exortação, pois esclarece que além das experiências estéticas, as pessoas que estão dentro dos ambientes religiosos podem ser afetadas pelas condições de desconforto e influenciadas em seu estado de espírito, prejudicando suas espiritualizações, levando-as a participar ou não da liturgia, ritos ou celebrações religiosas (MENEZES, 1962).

As igrejas evangélicas tradicionais sofriam ou algumas ainda sofrem a influência de tendências iconoclastas dos grupos radicais dos primórdios do protestantismo. Esses grupos pregavam a tese de que o excesso de apelos visuais desviasse a atenção dos fiéis, pois estes deveriam prestar atenção somente à palavra proclamada pelos pastores e líderes das igrejas. No início do protestantismo, quase todas as igrejas que surgiram neste período optaram por realizar cultos em espaços mais simples e sem elementos visuais que pudessem prejudicar o foco de concentração dos fiéis na reflexão exclusivamente bíblica (CALVINI, 2014). Diferentemente dos católicos, os evangélicos não atribuíam e atualmente continuam não atribuindo sacralidade ou divindade ao templo materialmente construído. Para os evangélicos o templo é meramente um lugar ou espaço para abrigar a reunião da membresia, em torno de seus cultos e celebrações religiosas (ROJAS, 2011).

Rojas (2011) argumenta o seguinte: para os protestantes o edifício religioso pode ser qualquer edifício, em qualquer lugar, desde que cumpra a condição *sine qua non* de abarcar o princípio pentecostal da presença sobrenatural do Espírito de Cristo. Os pentecostais consideram o templo apenas como um lugar onde os crentes se reúnem com seus pares, lugar esse que pode ser discreto e comum, mas que se torna extraordinário e sagrado pela presença de Deus (ROJAS, 2011).

Uma igreja cristã protestante pode ser tomada como exemplo de um templo religioso, pois esta possui elementos arquitetônicos e configurações espaciais; bancos, plataforma, púlpito e batistério; que remetem a compreensão de um espaço religioso, independentemente da sua extrema simplicidade estética e visual. Com certeza, por mais simples que seja o ambiente construído religioso, a ambientação tende a provocar no usuário a percepção do caráter religioso, e que naquele lugar é o local onde ocorre a liturgia; orações, pregação da mensagem bíblica e louvores através das músicas entoadas; despertando a atitude de devoção e adoração conforme é estabelecida o contato com o sagrado (GODOY, 2018).

No caso dos templos religiosos protestantes, a imaginação popular sobre este objeto arquitetônico é simplista quando comparado ao templo religioso católico. Imagina-se que as edificações e espaços das igrejas protestantes, por serem desprovidas de usos de imagens, sejam esculturas ou pinturas, são extremamente simples, estéreis e puras. Na compreensão leiga, para construir um espaço protestante são suficientes apenas quatro paredes, um piso, um teto, alguns bancos, algumas janelas, portas e uma plataforma para a pregação do pastor (ROJAS, 2011). Paralelamente em relação ao templo católico, de forma não ignorada pelos fiéis, mas sim com a mesma visão simplificada, imagina-se também que elaborar e construir um espaço religioso católico bastam quatro paredes, um piso e teto, ou seja, os mesmos

elementos construtivos presentes no espaço religioso protestante acrescidos apenas de alguns elementos simbólicos católicos, como imagens de santos, deidades, pinturas e ornamentos artísticos sacros (HANI, 1998).

Em ambos os casos a situação não é simples, na verdade as duas situações, templo católico e protestante são objetos arquitetônicos complexos, com profundidades simbólicas, sistemas de regras litúrgicas, regimentos de normas conciliares, normas técnicas, acústica, sonorização, ventilação, iluminação, acessibilidade, entre muitas outras matérias que são importantíssimas para projetar e construir corretamente um templo religioso cristão (SOUZA, 2019).

A arquitetura, essencialmente, ou como matriz de ambientes construídos, sempre estimulou e propiciou reflexos naturais, espirituais, psíquicas e sociais no ser humano. Portanto, os arquitetos conscientes compreendem que os ambientes construídos podem causar reflexos de condições humanas, e que as configurações e formatações dos arranjos dos espaços podem influenciar os comportamentos humanos em função dos seus objetivos criativos e propositais. Dimensões, grau de restrição, oposição, escala, distância, textura, cor, cheiro, diversidades sonoras e visuais influenciam o comportamento e a cognição do ser humano. Com isso, o projeto do edifício, ou simplesmente o ambiente construído podem criar impactos de sensações e respostas no ser humano. Projetar, construir um ambiente e através desse espaço poder transformar, provocar ou espiritualizar as pessoas é uma experiência poderosa, especialmente quando um espaço é designado ao uso religioso. Todo arquiteto deve ser alimentado fortemente pelo sonho em projetar e construir ambientes que permitam seus participantes transcenderem em suas limitações e se conectarem com um poder superior (FEIZABADI, 2017).

A redescoberta dos elementos visuais, plásticos, artísticos, ornamentais, decorativos, imagéticos e esculturais, todos como arranjos estéticos deveriam levar artistas e arquitetos a criar obras novas não idênticas às do passado, pois não é possível, mas poderiam ser análogos, com o objetivo de serem propiciadoras à espiritualização. Os espaços sagrados e religiosos sempre foram instrumentos de recolhimento, de manifestação de alegria, de reflexão sobre o sacrifício e principalmente de elevação espiritual (PASTRO, 2010). O templo religioso e o local do culto evangélico, até mesmo sob a perspectiva protestante pode ser considerado santo, no sentido da compreensão que o templo e o local de culto são separados do uso comum, sendo dedicados para Deus. De forma inevitável podem ser funcionais e práticos fundamentalmente, conduzindo todos os fiéis a manterem suas visões na centralidade de Deus e o culto direcionado para Ele somente, sem impedimentos ou proibições ao templo e aos espaços de cultos de forma que sejam agradáveis aos olhos,

belos, ornados e esteticamente bem resolvidos, expressando toda beleza da criação e manifestação divina (GODOY, 2018 apud MATOS, 2014).

UMA QUESTÃO-CHAVE E CONCLUSIVA: ATÉ QUANDO OS EVANGÉLICOS CONTINUARÃO REJEITANDO A ESTÉTICA COMO PROPICIADORA À ESPIRITUALIZAÇÃO

A rejeição do uso de imagens e elementos visuais do cristianismo tradicionalmente católico ocorre desde o início do protestantismo, provocando esterilidades artísticas e formalistas nos ambientes destinados aos cultos evangélicos. Em função dessa rejeição os templos cristãos de raiz protestante jamais utilizaram elementos visuais para a espiritualização das pessoas. No entanto existem as correntes que defendem que possíveis redescobertas e novos empregos das artes visuais podem ser elementos que conduzam as pessoas por caminhos de elevação espiritual. Dentro desse foco é salutar a tentativa de compreender o que está relacionado com o templo religioso e os espaços para cultos, suas condições de beleza, agrado estéticos e suas soluções visuais em prol da espiritualização coletiva e individual dos evangélicos atuais. Os católicos defendem que a beleza, imagens, pinturas e arte sacra tornam o ambiente religioso santo e espiritualizado. Os protestantes pregam que somente a presença de Deus torna o ambiente religioso dotado de santidade. Através do bom senso comum, é pública e notória a percepção da divergência entre católicos e protestantes sobre as questões da espiritualização relacionadas com os ambientes religiosos.

Atualmente no Brasil o catolicismo ainda é o principal representante populacional religioso, no entanto o protestantismo representado pelos evangélicos cresce visivelmente, alcançando cada vez mais os campos políticos, artísticos e sociais (SUDA, 2014). Os anos de 2001 a 2010 foram marcados por grande movimentação religiosa, entre religiões não cristãs e cristãs, sendo que os católicos foram os que mais declinaram numericamente, enquanto os evangélicos ascenderam no percentual populacional (MARIANO, 2013).

Em função do expressivo crescimento populacional evangélico, grande parte das instituições brasileiras improvisam espaços para acomodar o excessivo contingente de pessoas. A constante necessidade de ampliação dos espaços, inviabilizam os investimentos a longo prazo, provocando reformas, ampliações e construções religiosas inadequadas à realização de inúmeras atividades propostas ou adequados às próprias edificações (SUDA, 2014).

A arquitetura possui elementos provocativos de reflexos nas pessoas, com isso edificações e espaços inadequados podem provocar resultados negativos. Tal situação significa que o ser humano é vulnerável às cores, objetos e espaços, e dependendo de como

são arranjados, podem alterar o bom senso das pessoas (DE BOTTON, 1969). Bruno Zevi (1996) defende que arquitetura é a edificação que tem espaço interior que atraia, eleve e subjuguie espiritualmente as pessoas, Zevi (1996) afirma que a arquitetura feia é aquela que tem espaço interior que aborrece e repele (ZEVI, 1996).

Menezes (1962) exalta a importância da qualidade técnica e arquitetônica do projeto, pois dela dependerá todo a obra do templo religioso, e conseqüentemente também do espaço para os cultos. Seu manifesto é importante, pois esclarece que as pessoas podem ser afetadas pelas condições de desconforto, influenciadas e prejudicadas em suas espiritualizações, levando-as a participar ou despercebê-las dentro dos cultos religiosos (MENEZES, 1962).

Conclui-se que a redescoberta e o emprego das artes visuais, plásticas, e decorativas, devidamente arranjadas como elementos estéticos, podem levar artistas e arquitetos a projetar e construir obras novas que sejam propiciadoras à espiritualização (PASTRO, 2010). Os templos religiosos e os locais do culto evangélico, podem ser considerados santos, até mesmo sob a compreensão evangélica, uma vez que os templos e o locais de culto são separados dos usos seculares, estando em condição de dedicação exclusiva para Deus. O templo religioso e os espaços de cultos devem ser agradáveis aos olhos, belos, esteticamente bem resolvidos, expressando a beleza da criação e manifestação do Criador (GODOY, 2018 apud MATOS, 2014), propiciando a espiritualização coletiva e individual essencialmente místicas, misteriosas e sobrenatural como corpo-igreja-templo divino onde primordialmente Deus habita. Pois Deus não faz morada em edifícios-igrejas-templos construídos por mãos humanas, mas sim em um templo invisível, intangível e inefável constituído por pedras-vivas-homens-mulheres, filhos e filhas justificados eternamente pelo sangue do cordeiro imaculado, Filho Unigênito de Deus, Jesus Cristo.

Mais de quinhentos anos depois da reforma são ainda os templos evangélicos demasiadamente protestantes? O século XXI será marcado pela ressignificação estética dos templos evangélicos e dos espaços para cultos a partir dos próprios religiosos de raiz protestante? Ou, os evangélicos contemporâneos continuarão a negar a estética como propiciadora na espiritualização? Sem dúvidas são questões polêmicas, intrigantes e com poder de provocar debates inflamados ou aguçar a curiosidade de muitos pesquisadores.

BIBLIOGRAFIA

CALVANI, Carlos Eduardo. Mesa, púlpito e palco. Centros visuais do culto protestante no Brasil considerações litúrgicas. **Observatório da Religião**, Belém, volume I, n.02, p.03-28, dezembro, 2014.

DE BOTTON, Alain. **A arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

DIAS, Marcos Antônio. A Deus pela beleza: fundamentos de uma teologia da experiencia estética. **Coletânea**, Rio de Janeiro, volume I, n.30, p.410-421, dezembro, 2016.

FEIZABADI, Mahmood; MSOLEHIAN, Anahita Sal; SOLTANIAN, Yasamin. Um modelo para o projeto de espaços espirituais através das neurociências: o caso das mesquitas. **3º Internacional Congresso em Novos Horizontes na Arquitetura e Planejamento**, Teerã, Irã, 4 a 5 de janeiro de 2017.

GODOY, Cristine Matschulat. **A percepção do espaço arquitetônico e sua significação na arquitetura religiosa**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2018. 123p. (Trabalho de conclusão de curso).

HANI, Jean. **O Simbolismo do Templo Cristão**. Lisboa: EDIÇÕES 70, 1998.

IBGE. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203> Acesso em: 06 de julho de 2020

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo de 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, volume I, n.24, p. 119-137, dezembro, 2013.

MENEZES, Ivo Porto de. **Arquitetura Sagrada**. Ouro Preto: Bernardo Alvares, 1962.

PASTRO, Cláudio. **A arte no cristianismo: fundamentos, linguagem, espaço**. São Paulo: Paulos, 2010.

PINO, A. Semiótica e cognição na perspectiva histórico-cultural. **Temas Psicologia**, Ribeirão Preto, volume 3, n.2, p. 31-40, agosto, 1995.

RABUSKE, I. J., DOS SANTOS, P. L., GONÇALVES, H. A., TRAUB, L. Evangélicos brasileiros: quem são, de onde vieram e no que acreditam? **Revista Brasileira De História Das Religiões**, Maringá, volume I, n.12, p.255-267, janeiro, 2012.

RODRIGUES, Arthur: São Paulo ganha 2.433 novas igrejas em 25 anos com expansão evangélica. **Folha de S. Paulo**, 05 de setembro de 2019, p.31.

ROJAS, Rodrigo Vidal. Arquitetura pentecostal: entre o sagrado e o profano. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, volume I, n.31, p.126-154, março, 2011.

SOUZA, Alessandro F.R. de; FRAGOSO, Dom Mauro. Fatores condicionantes na transformação de templos católicos após Concílio do Vaticano II. O caso da paróquia de Santa Maria de Campos. **VI Congresso Internacional de Arquitetura Religiosa Contemporânea**, Porto, Portugal, 10 a 12 de outubro de 2019.

SUDA, Nicolle P. Lopes. As novas faces da Igreja Protestante e sua influência na representação e produção dos templos religiosos atuais no Brasil. **Revista Especialize On-line IPOG**, Goiânia, volume I, n. 9, p.1-26, dezembro, 2014.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992.

SAAS STUDIO ARQUITETO ALESSANDRO SOUZA®

SOUZA, Alessandro Ferreira Rodrigues de. Templos evangélicos brasileiros e a questão da qualidade estética na espiritualização do culto contemporâneo. Rio de Janeiro: SAAS - Studio Arquiteto Alessandro Souza, 11 agosto 2025. Disponível em: <https://www.arquitetoalessandrosouza.com.br/artigos>. Acesso em: dia mês. ano.

Phone +55 (22) 99971 5526
WhatsApp (22) 99971 5526
e-mail: arquitetoalessandrosouza@gmail.com
arquitetoalessandrosouza.com.br